

**VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES NO FUTEBOL PRATICADO POR  
MULHERES:  
O GOSTAR DE JOGAR E A HOMOSSEXUALIDADE EM QUESTÃO<sup>1</sup>**

**RAQUEL DA SILVEIRA**

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (UFRGS)  
Professora Assistente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)  
[raqfurg@gmail.com](mailto:raqfurg@gmail.com)

**MARCO PAULO STIGGER**

Professor Associado ao Departamento de Educação Física. Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul - Brasil)  
[stigger.mp@gmail.com](mailto:stigger.mp@gmail.com)

## **RESUMO**

Em ano de copa do mundo no Brasil - e nem é preciso explicar que é de futebol e que serão atletas homens jogando, pois isso seria quase um pleonasma – escolhemos abordar nessa comunicação um futebol que é duplamente invisível: o futebol amador praticado por mulheres. Fruto de um trabalho etnográfico desenvolvido em 2006 e 2007 os dados aqui discutidos versam sobre os gerenciamentos de alguns aspectos que estão presentes no cotidiano de um grupo de mulheres que se reúnem nos finais de semana para praticar futebol: o gostar de jogar futebol e a homossexualidade. A questão do ‘saber jogar’ e ‘gostar de jogar’ são centrais de serem visibilizados por todo o grupo. Tanto nos jogos, quanto nos treinos as mulheres apresentam suas habilidades com o futebol e demonstram a vontade que possuem em estar no campo treinando e jogando. Já em relação às questões da sexualidade, há um gerenciamento. Existem momentos e locais no contexto do grupo para visibilizar, ou não, a orientação sexual, seja a partir de questões de gênero, ou ainda, seja a partir de relações de afetos com companheiras. Concluimos afirmando que no futebol praticado por elas, nos momentos de lazer, há inúmeras questões em jogo que extrapolam o campo. E que dar, ou não, visibilidades a essas questões são opções de gerenciamento que o grupo estipula.

## **Introdução**

Nos séculos XVIII e XIX, o esporte e a ginástica foram inventados pelo homem e para o homem, eles desenvolveram as atividades, práticas e performances esportivas de acordo com suas próprias necessidades e ideais. (...)

Hoje, o esporte ainda é um mundo masculino, mas as mulheres estão fazendo sentir sua presença (PFISTER, 2003, p. 11).

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino” realizada por Raquel da Silveira e orientada por Marco Paulo Stigger, no ano de 2008. Em relação a esta tese já foi publicado, em 2010, na Revista Polis o artigo intitulado “Ocio y homosexualidad: um estúdio etnográfico sobre el asociativismo deportivo de mujeres, em el contexto de um deporte dicho masculino”; e em 2013, na Revista Brasileira de Ciências do Esporte o artigo intitulado “Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre” o qual também embasou a realização deste trabalho.

Não é difícil concordar com Pfister, quando, na declaração acima, a autora chama a atenção para o protagonismo masculino no mundo dos esportes. E, se a afirmação é verdadeira no contexto geral de esportes, é ainda mais flagrante se o foco está em esportes socialmente considerados masculinos, como é o caso do futebol no Brasil. Esta evidência, que é claramente mostrada na realidade social brasileira, também se reflete nas publicações acadêmicas sobre o tema. No Brasil, há poucas investigações sobre a presença das mulheres no futebol ou seus derivados (futsal, futebol sete, futebol de salão), em comparação com a produção acadêmica dedicada ao futebol praticado pelos homens.

Mas, como apontado por Pfister, também é verdade que tal predominância masculina no mundo dos esportes não significa que as mulheres não fazem parte deste universo. Tal é o caso do futebol, um jogo tradicionalmente visto como masculino no contexto brasileiro (MOURA, 2005), mas que hoje em dia, é praticado por mulheres. Essa inserção delas neste esporte proporcionou um interesse significativo por parte dos intelectuais que estudam temáticas de esporte e gênero. Depois de examinar a forma com que alguns trabalhos acadêmicos tratam a participação das mulheres no universo do futebol, identificamos duas maneiras de abordagem do tema. Primeiramente, há estudos que versam sobre a participação das mulheres no futebol, quando os protagonistas são os homens<sup>2</sup>; e existem trabalhos que tematizam a participação das mulheres nesse mesmo tipo de esporte, quando elas são as praticantes<sup>3</sup>.

Existem, portanto, diversos estudos sobre futebol e mulheres, mas a forma como acontece este esporte quando praticado por elas, a compreensão do associativismo dessas praticantes e os significados atribuídos à prática são pouco visíveis. E é devido a pouca quantidade de estudos sobre esse recorte da temática que desenvolvemos esta pesquisa, a fim de compreender aspectos do associativismo no futebol praticado por mulheres, um esporte socialmente considerados masculinos.

---

<sup>2</sup> Alguns exemplos desses estudos são “Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” (FRANZINI, 2005); “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol” (COSTA, 2006/2007); “Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo” (SILVEIRA, 2007)

<sup>3</sup> Alguns estudos que versam sobre o tema são: “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (GOELLNER, 2005a); “Ser mulher no mundo dos homens: socialização esportiva e a construção do gênero” (MENNESSON, 2005); “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo” (MOURÃO e MOREL, 2005); “Os processos de construção e de modificação das disposições sexuais das mulheres que investem em esportes ditos 'masculinos’” (MENNESSON, 2004); “O futebol feminino de várzea: uma análise cultural” (DORNELLES, 2004); “Homosociabilidade e homossexualidade: o caso de mulheres jogadoras de futebol” (MENNESSON, CIÉMENT, 2003).

A metodologia de pesquisa utilizada foi a etnografia<sup>4</sup>. O trabalho de campo foi desenvolvido entre agosto de 2006 e agosto de 2007, em um time de futsal feminino da cidade de Porto Alegre – RS. Foram realizadas 51 idas à campo, principalmente durante os treinos do grupo, que aconteciam aos sábados, e nos jogos competitivos que elas participavam, os quais eram realizados nos domingos e feriados. Também participamos de outros momentos da vida das integrantes do time, como festas de aniversário, almoços, jantares e encontros diversos. Outra fonte de informação foi o uso da internet: sob a autorização do grupo, tivemos acesso a cerca de 150 mensagens que circularam entre as jogadoras e também na comunidade criada pelo grupo no programa ORKUT, pelo qual tivemos inúmeras conversas ‘on-line’. Além disso, realizamos 17 entrevistas com algumas integrantes do time.

Assim, com a intenção de tornar visível a prática do futebol de mulheres, passamos a apresentar um breve descrição do time investigado, e após destacamos duas categorias de análises que elencamos enquanto importantes para a existência do time.

### **Apresentando o time investigado: o cotidiano de mulheres no universo futebolístico**

O grupo no qual realizamos as observações consiste em um time de futsal amador da cidade de Porto Alegre. Inicialmente foi organizado por duas jogadoras - Laura e Julia. Elas foram as responsáveis pela organização do time após um ano do término da antiga equipe da qual faziam parte. Nas conversas informais com o técnico do time, foi possível compreender que a retomada do antigo grupo, na formação atual, aconteceu quando Laura e Julia resolveram pedir ajuda a Pedro (técnico do antigo time), para reunir algumas jogadoras já conhecidas dele e compor um novo time de futsal. As jogadoras convidadas a integrar a nova equipe foram escolhidas a partir de dois aspectos: o técnico e o pessoal.

Nos anos de 2006 e 2007, em que foi feita a pesquisa de campo, o time possuía dezessete praticantes de futsal e um técnico. As integrantes da equipe tinham entre dezesseis e 41 anos de idade. A maioria delas trabalhava, e as profissões eram bastante diversificadas: empresária, podóloga, zeladora, fisioterapeuta, contadora, cobradora de ônibus, atualizadora de páginas da web, técnica em eletroeletrônicos e secretária. Havia mulheres que estudavam. Algumas cursavam o ensino fundamental e outras o superior. Em relação às condições financeiras, havia heterogeneidade entre as integrantes da equipe. Algumas possuíam carro,

---

<sup>4</sup> O fazer etnográfico desta pesquisa se baseou em autores como Geertz (1989), Oliveira (1998), Winkin (1998) e Cardoso (1988).

moravam em bairros considerados nobres e em imóveis próprios; outras residem na periferia, em imóveis alugados e não tinham carro. A maioria morava em Porto Alegre ou Viamão<sup>5</sup>. Duas jogadoras se deslocavam da cidade de Harmonia<sup>6</sup> para participar das atividades da equipe. Havia quem dependia financeiramente dos pais, quem se sustentava e quem, além de se sustentar, mantinham em relação as questões financeiras, os pais. Também se consideravam pertencentes ao time parceiros, parceiras e familiares de algumas jogadoras.

Em relação ao futebol, as trajetórias esportivas dessas praticantes são semelhantes. Várias delas declararam que iniciaram a jogar desde a infância, quando praticavam na rua e entre os meninos. Helena é uma das integrantes da equipe que, quando questionada sobre o assunto, afirma: “eu jogo desde que me conheço por gente. Quando pequenininha jogava com os guris na terra vermelha, no interior, Santo Augusto” (HELENA, 22/5/2007).

Outra característica do processo de socialização ao universo do futebol das praticantes é reconhecer o “pai” como uma pessoa importante. Para a informante Luana, o apoio do seu pai para jogar futebol foi incentivador: “meu pai treinava um time de futebol, e tinha orgulho que eu jogava futebol. Eu até comecei a jogar porque ele me levava para as quadras... e daí ficavam os filhos dos jogadores e eu ... e eu jogava com eles” (LUANA, 25/9/2007).

Essa forma de iniciação também foi constatada por Menesson (2005), em uma pesquisa realizada entre jogadoras profissionais de futebol na França. Porém, se no Time por nós investigado foi revelada a presença do pai apenas quando elas eram crianças e iniciavam a prática do futebol, Menesson (2005, p. 74) percebe a participação paterna de forma mais prolongada, no decorrer de toda a carreira esportiva profissional das jogadoras. No caso da futebolista Celi, informante de Menesson, “o apoio de Bernad [pai de Celi] à prática da sua filha vai bem além de sua entrada nas atividades”.

Já, em relação a rotina do time, é possível afirmar que se caracterizava por treinos e jogos. O que as participantes do grupo denominam de “treino” é uma atividade semanal (duas horas) que acontece em quadra alugada mensalmente, com dia e horário fixos. Os treinos observados eram subdivididos em dois momentos: durante a primeira hora, eram feitos exercícios específicos de fundamentos do futsal e, após esse período, acontecia um jogo. Algumas vezes o jogo era realizado entre as praticantes da própria equipe; em outras, era um amistoso contra times convidados.

O time também participava do que denominavam de “jogos”, que são aqueles realizados em torneios e em campeonatos. Os torneios são competições que acontecem em um ou dois

---

<sup>5</sup> Cidade distante 30 quilômetros de Porto Alegre.

<sup>6</sup> Segundo informações da Valéria, a cidade de Harmonia dista cerca de 80 quilômetros de Porto Alegre.

dias, no máximo. Esses jogos são realizados nos três turnos, em um único ginásio. As equipes participantes dos torneios permaneciam todo o dia esperando a sua vez de jogar e observando as partidas que aconteciam no local. Nos campeonatos, que duram cerca de quatro meses, os jogos são realizados em dias e horários diversos. Aqui, diferentemente dos realizados durante os torneios, as equipes chegam ao ginásio, jogam e vão embora, pois não costumam acontecer outras partidas no mesmo dia.

A partir dessa rotina de treinos, torneios e campeonatos, o time foi se constituindo e se apropriando de uma maneira particular de jogar o futsal, a qual passamos a analisar a partir de duas categorias: o gostar de jogar futebol e o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade.

### **O gostar de jogar futebol**

As participantes do time inseriam a prática do futebol entre as suas atividades de lazer, já que as vivenciavam em momentos de não trabalho e eram voltadas para o seu interesse próprio (DUMAZEDIER, 1973; ELIAS & DUNNING, 1992). Eram atividades que faziam parte do universo do futebol amador da cidade, que, apesar de terem uma participação voluntária, atraíam um conjunto significativo de praticantes<sup>7</sup>. Inúmeras foram as vezes que escutamos delas a frase “eu gosto é de jogar”. Contudo, apesar da liberdade de escolha quanto a frequentar ou não o grupo, lá estando, elas passavam a assumir compromissos tanto nos treinos, quanto nos jogos dos quais participavam. Dessa maneira, estratégias e hierarquias foram sempre visíveis desde o momento em que alguma jogadora se candidatava a se inserir no time. Para ser aceita, uma potencial integrante necessitava passar por um teste capaz de mostrar que tinha “capital esportivo” (MARIVOET, 1998, p. 31)<sup>8</sup> compatível com a equipe. O modo de ingresso, portanto, foi um indicativo de que a performance/rendimento perpassa a maneira como o time vivenciava o esporte.

Mas a admissão também deveria ocorrer através de convite/indicação das candidatas, onde outras qualidades eram avaliadas: era fundamental comparecer nos dias e horários acordados e dedicar-se com seriedade ao grupo, já que, nesse universo, não comparecer ao

---

<sup>7</sup> Num dos campeonatos em que as colaboradoras desta pesquisa participaram, haviam 20 equipes inscritas, perfazendo um total aproximado de 200 mulheres.

<sup>8</sup> O conceito de capital esportivo cunhado pela autora está relacionado com o conceito de capital cultural, utilizado por Bourdieu em várias obras.

treino e/ou ao jogo sem avisar/justificar era considerado uma falta grave. Sinal da importância de assumir compromissos está no argumento de Ana, ao explicar porque não convidava algumas boas jogadoras para participar o time: “porque elas não têm muita vontade de treinar”.

Ao lançarmos um olhar sobre o universo investigado, portanto, foi possível pensar que os significados atribuídos pelas praticantes para o futsal se aproximavam daqueles que estão presentes nos esportes de alto nível, apesar de ser um esporte praticado nos momentos de lazer das investigadas. A competitividade, o querer ganhar, a busca pelo rendimento esportivo na participação em torneios e campeonatos, eram características presentes no time, o que possibilitaria concordar com Rigauer (1981, p. 107), quando diz que “o esporte recreativo [...] acaba por ser uma versão em miniatura do esporte de alto nível”.

Contudo, isso não acontece sempre, sendo possível relativizar a posição do autor. Compreendemos desta forma, pois, ao mesmo tempo em que o time apresentava essas características, também haviam outras peculiaridades que foram identificadas a partir de uma análise etnográfica. Nos momentos dos treinos, além da preocupação do técnico em inserir brincadeiras nos momentos de exercícios de fundamentos do futsal, uma lógica lúdica fazia com que aquele ambiente fosse descontraído. Nesses momentos praticava-se o que Loret (1996, p. 212-213) denomina de “esporte de utilidade lúdica”: uma prática do tipo “‘selvagem’ [que] não possui [...] nenhum valor de troca [e] [...] exalta somente um valor de uso limitado no tempo”.

Assim, os significados atribuídos ao esporte pelas praticantes investigadas podem ser metaforicamente representados por uma gangorra (ver Figura 1), em que os extremos estão constituídos por características que muitas vezes são pensadas como contraditórias no campo do esporte, mas que, na situação do time pesquisado, eram vivenciadas complementarmente:

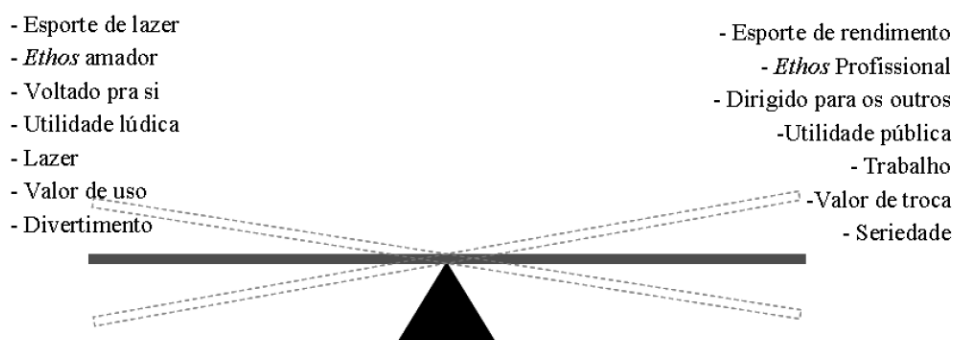


Figura 1: Representação da gangorra

Os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes, portanto, não podem ser explicados pela definição de “esporte de lazer” ou “esporte de rendimento”, binarismo presente no campo de estudo da Educação Física e da Sociologia do Esporte. Para compreender os significados do futsal para o grupo pesquisado, é necessário operar com os conceitos que fazem parte tanto do esporte de lazer quanto do de rendimento.

Em algumas situações dessa equipe, pode-se considerar que os conceitos que integram o chamado “esporte de lazer” estão em destaque, em outras situações são os conceitos que integram o “esporte de rendimento” que se destacam. Interessante lembrar que, em ambas as situações, estar em destaque não significa que os outros conceitos não estejam presentes. Representando graficamente essas situações, é possível visualizar, nas linhas pontilhadas da Figura 1, que a gangorra está em constante movimento, ora destacando elementos do esporte de lazer, ora os do esporte de rendimento.

### **Visibilidades e invisibilidades da homossexualidade futsal**

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-separa dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em tomo do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2006, p. 9).

Falar de visibilidade e invisibilidade da homossexualidade faz sentido devido à sexualidade nos dias atuais, como expressou Foucault, estar fadada a uma norma: do “casal [heterossexual], legítimo e procriador”. Partindo desse ponto, é possível concordar com Meinerz (2005) quando afirma que “as mulheres gerenciam a visibilidade das suas relações homoeróbcas” (p. 122). No grupo que investigamos isso não é diferente. Desde que iniciamos a pesquisa com as praticantes de futsal, presenciamos, e também vivenciamos, algumas táticas de gerenciamento que elas faziam da visibilidade da homossexualidade no grupo.

Segundo a informante Denise, houve uma preocupação do time quanto a minha presença<sup>9</sup> e a realização da pesquisa devido à questão da homossexualidade: “até quando tu chegou no grupo. né... as gurias 'ai...a Raquel não sabe... imagina o que ela vai pensar... vai pensar que somos um bando de machorra' e eu cheguei e disse: 'mas quem é ela', né?” (DENISE, 21/10/2007). Se a maioria das jogadoras estava preocupada com o fato de eu saber

---

<sup>9</sup> Neste caso utilizamos a primeira pessoa do singular, devido o trabalho de campo foi realizado apenas pela primeira autora deste artigo.

sobre a presença de mulheres homossexuais na equipe. Denise e sua companheira Valéria optaram por não esconder suas opções sexuais. Essa situação demonstrou que nem todas as praticantes homossexuais investigadas gerenciavam a visibilidade de sua opção sexual da mesma forma.

Laura, por exemplo, deixa claro na entrevista que saber gerenciar a visibilidade da sua opção sexual é algo que aprendeu “na vivência, eu aprendi com o tempo” (LAURA, 30/10/2007). Essa informante, uma das organizadoras da equipe, demonstrou muita preocupação na maneira com que eu iria abordar a questão da homossexualidade no estudo. Laura enfatizou, no decorrer desse ano de convivência que tive com ela, que:

eu nao sou “homossexual Laura”, eu sou “Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual”, emende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da minna vida, mas não é o meu todo. Eu acho que quando tu coloca isso, parece que já cria uma barreira (LAURA. 30/10/2007).

Interpreto essa preocupação de Laura sob dois aspectos. Inicialmente ela está dizendo que a sua vida não se centra na sua opção sexual, pois ao mesmo tempo em que ela é homossexual, ela trabalha, ela joga futsal, ela gosta de muitas outras atividades. Definir Laura a partir da homossexualidade seria, portanto, reduzir sua vida a uma esfera que, segundo ela, ‘não é o meu todo’.

A segunda forma de interpretar a fala de Laura se aproxima dos achados de Meinerz (2005) quando interpretou a preocupação “em não dar bandeira” das informantes homossexuais que investigou. Para essa autora, o gerenciamento da visibilidade homossexual acontece nas práticas cotidianas em que as mulheres “se relacionam com estruturas de poder” (p. 128). Por estrutura de poder Meinerz se refere tanto “a gerência do estado, através, por exemplo, das políticas de saúde” (p. 128) quanto aos “demais níveis de relação que o individuo estabelece ao viver em sociedade” (p. 128). Logo, dar visibilidade ou não à opção homossexual faz com que essas mulheres sejam mais suscetíveis aos preconceitos que estão impregnados em determinados contextos da sociedade.

Touraine (2007), ao interpretar as informações coletadas com mulheres a partir de uma “inversão de perspectiva” (p. 44)<sup>10</sup>, constatou que “ser lésbica (...) é uma experiência pessoal marcada por julgamentos sociais geralmente desfavoráveis, como todas as condutas que separam o prazer sexual da reprodução” (p. 38). Um exemplo pertinente em relação à

---

<sup>10</sup> Touraine considera que seu estudo possui confrontações com aqueles que interpretam as mulheres como vítimas. Para esse autor, trabalhar em uma “inversão de perspectiva” é assumir o que ele denomina de mulher-sujeito: “Não é mais por uma função social ou por modelos culturais que as mulheres se definem, mas por uma inversão de atitudes e de expectativas cuja exigência principal é a criação delas mesmas” (TOURAINÉ, 2007, p. 74).

suscetibilidade a que as informantes estão expostas pode servir na situação vienciada por Rossana:

**Rossana:** Já aconteceu uma vez de eu ir numa médica, uma ginecologista, e só pelo fato de eu ter comentado que eu era homossexual ela, do nada, quis que eu fizesse um teste de AIDS. Tá, eu não fiz esse teste porque eu tinha certeza que eu não tinha AIDS. Mas eu achei um absurdo que só pelo fato de eu ter comentado que eu era [homossexual], ela fez. Óbvio que ela não concordou com isso, né. Mas ficou muito na cara. E olha, era uma médica assim. Não era qualquer "médicazinha". Prêdiozinho todo chique, bairro nobre.

**Raquel:** Pô! É complicado isso hein?

**Rossana:** É, hoje eu digo assim: Eu nunca mais vou num médico assim. Nunca mais falo com ela.

**Raquel:** Tu nunca mais foi no médico ginecologista?

**Rossana:** Não, eu nunca mais falo na questão. Eu vou, mas não digo nada, assim, nesse particular. Porque é um absurdo (ROSSANA. 30/10/2007).

Contudo, no universo do futsal, esse cuidado com a visibilidade da homossexualidade parece ser menor, pois como considera Laura, “a maioria faz a força, né? A maioria, hoje, que joga futebol é homossexual. Isso eu não tenho dúvidas, eu não preciso ver números. Em função do próprio time a gente vê” (LAURA, 30/10/2007). Denise também concorda que “a homossexualidade no futebol, assim, no futsal, realmente é o que tu mais vê, o que tu mais encontra” (DENISE, 21/10/2007). Isso faz com que no ambiente do futsal não haja tanto preconceito com a questão da homossexualidade. Rossana afirma que

as pessoas aceitam com naturalidade, se tu contar pras pessoas ‘eu sou [homossexual]’ ou ‘tenho vontade de ser [homossexual]’ ou alguma coisa assim...ninguém vai me julgar por isso! Ninguém vai te olhar assim, com cara feia, é muito difícil (ROSSANA 30/10/2007).

Se a minha presença no grupo fez a maioria das jogadoras se preocuparem com a visibilidade da homossexualidade, talvez seja porque eu não pertença ao universo do futsal. Quando Ana iniciou no time, houve um consenso entre as praticantes sobre o fato de que era necessário informá-la de que havia mulheres homossexuais ali na equipe:

Quando a Ana entrou no time. ela não é [homossexual]. E aí a Helena disse “Laura, o que a gente faz. a gente não fala, fala?” aí eu disse “não tem como não falar, querendo ou não ela vai ver algumas coisas, ela vai presenciar alguns momentos. Ela precisa saber”. Então a gente ficou bastante receosa, como é que... Porque ela não tinha nem noção disso, então foi... a gente teve que... A Helena teve que conversar com ela. ficou um pouco assim... Acho que meio aérea na hora, acho que ela não imaginava que era muita gente, mas foi uma coisa que a gente se preocupou em contar pra que ela não... Entrasse mais "light" na coisa, não fosse aquilo de supetão de repente ver alguma coisa ou ouvir alguma coisa e ficar até... Achando bobagem, assim. Então eu não sei, no nosso time sempre teve essa preocupação de que quem não era a gente preparar de certa forma “olha, é assim, assado as coisas” (LAURA. 30/10/2007).

Assim, o universo do futsal por nós investigado pode ser visto como um espaço em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade pode ser menos preocupante do que em outros lugares. Importante destacar que elas não são militantes da questão homossexual e que, fora do universo do futsal, procuram não “dar bandeira”. Contudo, isso não significa que se sintam vítimas ou tenham vergonha da opção sexual que possuem, mas, significa que através do gerenciamento da visibilidade da homossexualidade elas estrategicamente escapam de manifestações preconceituosas.

### **Considerações finais**

Investigar esse universo particular nos permitiu constatar que o associativismo esportivo dessas mulheres se pautava por inúmeros tipos de interações sociais que ocorriam dentro e fora do campo de jogo. Na equipe observamos vínculos de parentesco, relações profissionais, aproximações por companheirismo, mas, em especial, encontramos vínculos esportivos, relações homossexuais e de amizade. Eram essas relações que faziam as pessoas do time se encontrarem em todos os finais de semana: é por gostarem de esporte, por terem em comum a opção homossexual e por compartilharem relações de amizade que o time se mantém.

Contudo, ressaltamos que, mesmo sendo esses os sustentáculos do associativismo estudado, isso não significa que todas as integrantes compartilhassem esses vínculos igualmente. Deve-se ter o cuidado para não deslizar as análises de um grupo para uma análise em escala individual. Os significados que cada integrante atribuía ao time variavam. Mesmo que todas se aproximavam no que se refere ao gosto pelo futsal, algumas delas faziam parte da equipe apenas por essa razão, enquanto outras permaneciam nela também pelas relações de amizade. Se algumas jogadoras são homossexuais e encontraram naquele espaço de lazer uma possibilidade de vivenciar a sua opção sexual, outras são heterossexuais e também estavam ali para terem seus momentos de fruição de uma prática com a qual se identificam.

A investigação ainda nos possibilitou compreender que os significados atribuídos por mulheres a um esporte socialmente dito masculino envolvem o extrapolar do jogo propriamente dito, e a necessidade de ampliar a discussão para as questões de gênero e sexualidade ali envolvidas, inclusive fora da quadra. Esses temas se entrelaçavam com o cotidiano das jogadoras, que reforçavam a dimensão social e política que elas assumem juntamente com o esporte que escolheram praticar.

## Referenciais

- CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como espaçar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 95 - 105.
- COSTA, L. M. O que é uma torcedora? notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e Sociedade*, Niterói, ano 2, n. 4, nov. 2006/fev. 2007.
- DORNELLES, P. G. *O futebol feminino de várzea: uma análise cultural*. 2004. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992, p. 139-184.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 17ª edição, 2006.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul./dez. 2005.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 8ª edição, 2006.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005.
- LORET, A. *Génération glisse: dans l'eau, l'air, la neige... la révolution du sport des “années fun”*. Paris: Autrement, 1996.
- MARIVOET, S. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.
- MEINERZ, N. E. *Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MENNESSON, C. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. France: L'Harmattan, 2005.
- MENNESSON, C. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans um sport dit « masculin ». In: DEFRANCE, J. *Société de sociologie du sport de langue française, dispositions et pratiques sportives: débats actuels en sociologie du sport*. France: L'Hamattan, 2004. p. 37-53.

MENNESSON, C. and CLÉMENT, J.-P. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. *International Review for the Sociology of Sport*, London, v. 38, n. 3, p. 311-330, mar. 2003

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

MOURÃO, L; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998, p. 17-35.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11 - 35, maio/agosto de 2003.

RIGAUER, B. *Sport and work*. Ney York: Columbia University, 1981.

SILVEIRA, R. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, R. Copa do mundo de 2006: o que *elas* escreveram na Folha de São Paulo. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.10, n.1, p. 133-152, jan./jun. 2007.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 179-194, jan./mar. 2013.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. Ocio y homosexualidad: um estudio etnográfico sobre el asociativismo deportivo de mujeres, em el contexto de um deporte dicho masculino. *Revista Polis*, Santiago, v. 9, n. 26, p. 1-14, 2010.

TOURAINÉ, Alain. O mundo das mulheres. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus Editora, 1998, p. 129 - 145.